

G. E. Moore e a bondade: revisitando o primeiro capítulo de *Principia Ethica*

Matheus Sampaio Benites Correia

Doutorando em Filosofia

<http://lattes.cnpq.br/4621063752192565>

matheusbenitesescritor@gmail.com

80

O principal objetivo deste trabalho é apresentar as teses a respeito do conceito de bondade defendidas por George Edward Moore no primeiro capítulo de seu *Principia Ethica* (1903), um clássico que é considerado o livro fundador da Metaética como uma área de estudo desvinculada da Ética normativa. O segundo objetivo é comentar os seus desdobramentos na Filosofia Analítica das últimas décadas.

Com o intuito de reivindicar uma investigação filosófica sobre os fundamentos e origens da Ética e do conhecimento ético, o filósofo britânico defende, seguindo Henry Sidgwick, que a maior parte das teorias éticas ao longo da história do pensamento incorreram na “falácia naturalista”, que consiste em confundir propriedades naturais com propriedades não naturais. Assim como Sidgwick criticou Bentham, Moore acusa o utilitarismo de John Stuart Mill como falacioso empregando o seu célebre argumento da questão em aberto, que demonstra que, ao tentar estabelecer uma relação de identidade entre “bom” e algo natural (como “aquilo que é desejado” ou “prazer”), chega-se a uma tautologia que não dá conta de explicar o que alguém quer dizer quando afirma que algo é bom. Se afirmamos que prazer é bom, certamente queremos dizer mais do que “prazer é prazeroso”.

Assim, Moore defende duas teses em seu primeiro capítulo do *Principia*: uma metafísica, que diz respeito ao “bom” como não natural; e uma epistemológica, que defende a intuição ética como meio para conhecê-lo. Segundo Moore, o “bom” é a única propriedade moral, que certas coisas partilham de diferentes maneiras, sendo seu caráter simples, de ordem não natural e indefinível. Posteriormente, W. D. Ross acrescentou o “certo” (permissível), visão com a qual muitos intuicionistas contemporâneos concordam. Todavia, mantém-se a tese epistemológica de Moore de que apenas por meio da intuição

ética, uma aparição intelectual imediata e não inferencial, nós podemos conhecer o “bom”.

Sucedendo a apresentação das teses mooreanas, o trabalho analisa a objeção de John Mackie ao intuicionismo ético e a resposta do intuicionista Michael Huemer. Também discute visões de filósofos analíticos recentes sobre as teses de Moore, como Michael Smith, Judith Jarvis Thomson e Russ-Shafer Landau.

Palavras-chave: Ética. Metaética. Bondade. Intuição.

Bibliografia

HUEMER, M. *Ethical Intuitionism*. Hampshire: Palgrave Macmillan, 2008.

MACKIE, J. *Ethics: Inventing Right and Wrong*, Harmondsworth: Penguin, 1977.

MOORE, G. E. *Principia Ethica*. São Paulo: Ícone Editora, 2017.

ROGAN, T. TIMMONS, M. *Metaethics after Moore*. Oxford: Oxford University Press, 2006.